



Jornal de
Notícias
20 de maio
de 2019

Biografia não foi autorizada pela família de Sophia, mas Isabel Nery entrevistou “vários filhos, sobrinhos e netos”

“A Sophia poetisa já todos conhecem. Faltava conhecer as outras”

Biografia da autoria da jornalista Isabel Nery destaca a dimensão política e cívica do seu percurso

Sérgio Almeida
sergio@jn.pt

BIOGRAFIA Foram quase três anos de “uma busca insana”, como a própria Isabel Nery o define. O objetivo: aceder à inteireza da figura de Sophia de Mello Breyner Andresen. Para chegar a esse estado, a jornalista, ensaísta e investigadora não se poupou a esforços.

Além da “avalancha de informação” (quase 60 testemunhos reunidos e consultas a teses académicas, artigos científicos ou ainda os arquivos da PIDE, Torre do Tombo e RTP), a autora de “Chorei de véspera” fez questão de ir aos míticos lugares de Sophia. Alguns dos

quais, pasme-se, a própria poetisa nunca chegou a conhecer. Foi o caso da ilha de Föhr, na altura pertencente à Dinamarca e hoje parte do território alemão, de onde o bisavô de Sophia de Mello Breyner partiu, em 1840, sem saber que essa viagem terminaria de forma brusca no Porto. Expulso do navio por mau comportamento, o jovem Hans, com apenas 14 anos, não tardou a inserir-se no novo meio e, ao cabo de meia dúzia de anos, era já um próspero empresário, com negócios na área dos vinhos e não só.

“Hesitei se devia ir conhecer Föhr, mas valeu a pena. Afinal, foi de lá que veio o primeiro Andresen, a raiz de

Sophia”, assinala. Essa procura da essência tornou-se “quase uma obsessão”, tal a vontade de “ir mais e mais além”. Mesmo que esse perfeccionismo tenha um lado mais pernicioso. “Se não impusermos um prazo, nunca mais terminamos”, observa, convicta de que a prática jornalística revelou-se preciosa na filtragem dos dados.

IR PARA LÁ DO MITO

“Sophia de Mello Breyner Andresen” é uma biografia não autorizada. O que não impediu a sua autora de ter conseguido falar com “filhos, sobrinhos e netos”, embora os dois familiares mais mediáticos (o jornalista

Miguel Sousa Tavares e a sua irmã e escritora Maria Andresen) se tenham recusado a colaborar. O mutismo de ambos foi contornado através da consulta a artigos que escreveram sobre a mãe ao longo dos tempos.

Agora que o livro já está pronto, Isabel Nery afirma que até prefere que tudo se tenha processado desse modo, sugerindo que não se sentiria “confortável” se tivesse que mostrar previamente o conteúdo do livro a outras pessoas que não o editor.

Mais difícil ainda seria ter tido essa aprovação familiar quando o objetivo assumido da biografia foi o de ir além do “mito Sophia”. Al-

guns dos testemunhos recolhidos, como os de Amélia Brugnini, segunda mulher de Francisco Sousa Tavares, são bastante cáusticos para com a poetisa, sugerindo que a sua imagem pública nada tinha que ver com a verdadeira.

A inclusão destes depoimentos não é pacífica, mas para a autora do livro “reforça a humanidade da figura”.

Se a dimensão política e cívica surpreende pela extensão e detalhe, em contraste com as referências literárias, mais esparsas do que se esperaria, Isabel Nery encontra uma explicação simples: “A Sophia poetisa já todos conhecem. Faltava conhecer as outras”. ●

LIVRO

Aproximação ao mundo secreto de um mito



“SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN”
ISABEL NERY
ESFERA DOS LIVROS

À conta de alguns exemplos menos bem conseguidos, tornou-se recorrente falar-se das biografias jornalísticas como uma espécie de subgénero, a milhas das chamadas biografias literárias. A tese é falaciosa. Mais importante do que a inscrição numa ou noutra corrente, o que realmente conta é a competência do autor em dar-nos uma visão integral do biografado.

O livro de Isabel Nery é um bom exemplo de como as biografias jornalísticas não têm que padecer da visão simplista e redutora que muitos insistem em associar-lhe.

Repórter durante mais de duas décadas, Nery segue alguns dos atributos que devem nortear um jornalismo de qualidade: fidelidade aos factos, objetividade e, claro, uma forma apelativa de contar a história.

Não é uma obra isenta de críticas. A opção mais discutível – sobretudo para os leitores de Sophia – é o obscurecimento da poetisa em detrimento do ênfase cívico e político. Todavia, se levarmos em conta que existem muitos mais estudos literários do que políticos, a escolha até acaba por ganhar sentido.